

COMO COMEÇOU?

Ao certo, ao certo, não o sabemos. Mas já existiria nos tempos pré-históricos, por aqui passaram romanos e árabes e, provavelmente, muitos outros povos.

Aqui se produzia trigo, o cereal nobre, construíram-se moinhos nestas terras de sementeira, com pomares, vinhedos, hortas e até vinho. Poucos vestígios ficaram desses tempos, apenas alguns moinhos e, de eras mais recuadas, residuais descobertos pela arqueologia.

Quantas civilizações, quantos costumes e quantas coisas perdidas no decorrer da sua história. Muitas com certeza.

PREDOMÍNIO DO MINIFÚNDIO

As propriedades tinham natureza minifundiária. Nos séculos XIV e XV já eram domínios senhoriais e conventuais, mas mesmo antes já a Falagueira aparece em alguns documentos escritos como dependente de instituições ligadas ao clero regular, como, aliás, já tivemos oportunidade de referir anteriormente nesta mesma rubrica.

Eram terras da coroa/rei; igreja; ordens militares; nobreza e não privilegiados.

As quintas da Brandoa, do Outeiro (Buraca), de Alfragide; do Bosque; da Conceição; de Sarito António; do Assentista; de São Miguel; dos Condes da Lousã, entre outras, são algumas das designações deixadas pela toponímia.

O povoamento, até finais do século XIX, era espalhado, com poucos aglomerados populacionais, uns mais outros menos importantes.

Desenhava a Venda Nova a mesma linha fronteiriça, tal como ainda acontece hoje, com a capital. Do outro lado Carenque a separa-la de Sintra. Outras linhas a delimitarem o território, como Odivelas e Oeiras, mas os actuais limites administrativos foram estabelecidos em 1979 com a autonomia da localidade, tendo sofrido algumas oscilações.

INDISSOCIÁVEL DE LISBOA

A vida da Amadora não pode ser separada da da capital. A fisionomia de algumas áreas, como Benfica sempre presente, aparentava muitas semelhanças, com os campos a receberem as mesmas culturas, como análogo era o povoamento rural, com acentuado domínio das pequenas propriedades.

A localidade formou-se através de compras, permutas, doações, aforamentos, sub-rogações, a sucederem-se pelos tempos fora. Vários conventos, mosteiros, monarcas, nobreza e fidalgos andaram metidos no processo, mas também agricultores, estes oriundos de gente mourisca, os saloios.

Sítio de lagares, adegas, celeiros, coelheiras, caça, casas de homens de trabalho, alambiques. Assim terá começado o povoamento com os frutos da terra a motivarem a vinda de trabalhadores campestres. Boas pastagens para rebanhos, boa água, trigo, cevada. A criação de cabras, ovelhas, gado vacum, cavalos, que utilizavam para carne, leite, peles (couro) e transporte, foram produtos originários de um povoamento, não obstante lento, mas com passos bem definidos já em fins do século XIX.

A Falagueira poderá ter sido o centro administrativo, movimentando-se à volta da sua ermida, construída pelo povo em 15 de Novembro de 1759, situando-se aqui o centro da localidade, até pelas vias de comunicação então existentes da qual a

ESTRADA REAL FOI O SEU PONTO DE PARTIDA

Ou Rua Direita e também Estrada de Sintra como chegou a ser conhecida, nem mais nem menos a Rua Elias Garcia dos nossos dias.

A construção da Estrada Real provocou a divisão de várias quintas e de terras de sementeira, mas já antes era uma via de comunicação de terra batida, na qual entroncavam vários caminhos. Houve a intencionalidade de a ligar à Estrada de Benfica, então Estrada Real n.º 81. A Rua Elias Garcia continua a ser uma das maiores artérias, desde as portas de Benfica até Carenque, mas daqui, com o nome de Rua José Elias Garcia, entra já no concelho de Sintra.

A Estrada Real, hoje Elias Garcia, foi o coração e o nervo de uma localidade, a qual sendo o seu principal eixo ainda hoje mantém características muito próprias, sendo o pólo do comércio local e de maior movimento, daí as

QUINTAS DE RECREIO

Mas também de produção agrícola. Estas quintas não deixaram quaisquer símbolos heráldicos dos proprietários, com excepção para um existente em Carenque. Existiram outros, como na Quinta do Bosque, este desaparecido com a própria propriedade nos anos cinquenta do século passado. Quando se diz quintas de recreio, eram assim designadas para caça, frequentadas por alto dignatários da igreja e afidalgados, como chegou também a ser a própria quinta de Queluz, hoje palácio com o mesmo nome. A ruralidade do sítio era visível, vivia-se dos frutos do campo e das carnes salgadas e fumadas e também de animais de capoeira. Leitões, este nome viria a ter relação com a designação de Porcalhota, a qual não ficou nos registos toponímicos do actual concelho. Mas ainda é tempo de se reparar tal lapso. POR ISSO UMA RUA DA PORCALHOTA OU MESMO UM LARGO FICARIA A PERPETUAR UMA DESIGNAÇÃO AINDA HOJE NA BOCA DAS PESSOAS, PELO MENOS DAS MAIS VELHAS. TANTA FORÇA TEVE A EXPRESSÃO NO SÉCULO XIX QUE AINDA HOJE HÁ QUEM DIGA QUE VAI À PORCALHOTA.

Destas quintas com edifícios dignos de nota ficou apenas a Quinta do Assentista, com o seu pórtico e interiores com interesse, mas também o palácio dos condes da Lousã, na Damaia, ainda mostra algum requinte. Alguns outros desapareceram com o progresso do betão armado e sem resquícios. Situavam-se quase todas no eixo citadino da Elias Garcia, mas nunca atingindo auge de grande beleza.

FREGUESIA POR VONTADE DE ALGUMAS PESSOAS

Figuras como Aníbal Lúcio de Azevedo, Estevão de Vasconcelos, José Maria Pereira, Santos Matos, Delfim Guimarães e Dr. José Pontes, teriam tido papel importante para que, no dia 17 de Abril de 1916, nascesse a freguesia, portanto há 85 anos. Não andavam estranhas a esta elevação algumas pessoas com interesses na localidade, não só comerciais, mas também rurais... Famílias emblemáticas, um rol de notáveis cá da terra.

A subida a vila, a 24 de Janeiro de 1937, há 64 anos, não trouxe privilégios de vulto, continuando a localidade dependente de Oeiras, mas também, que saibamos, não foi aqui levantado o braço daquele concelho, embora a toponímia registre elementos relativos à sua elevação a vila, por vontade do marquês de Pombal, como por exemplo a Rua 7 de Junho de 1759.

A Amadora chega a vila por várias razões, não só comerciais, como agrícolas e, sobretudo, industriais, tendo sido a linha férrea uma das maiores impulsionadoras deste desenvolvimento.

Por cá também não foi levantado pelourinho, nem era necessário, pois a construção destes símbolos do poder remonta a épocas mais recuadas, séculos XV e XVI. Umbilicalmente quase sempre ligada a Benfica, também teve casos com Belém, Belas e Camaxide, embora se considerasse integrada no termo.

Ainda existirão registos de requerimentos a solicitar a abertura de vendas de azeite, tabernas, e ter o ofício de moleiro, sapateiro, ferreiro, tecelão e barbeiro, para além de outros.

CONCELHO E CIDADE POR VONTADE DE MUITA GENTE

Em 11 de Setembro de 1979, (a caminho dos seus 22 anos), dá a localidade talvez o maior salto da sua história, fruto da revolução de Abril e o primeiro concelho a ser instituído depois desta data, tudo o que passou daí para cá já é do nosso conhecimento, sendo agora uma das maiores cidades da Área Metropolitana de Lisboa e com um rendimento per capita assinalável. Muito há ainda a fazer, sem prejuízo de dar um ar de antigamente.